

ATIVIDADES COMERCIAIS E DE SERVIÇOS E CENTRALIDADE INTRAURBANA EM CHAPECÓ – SC

Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva¹ 

Destaques:

- Discutimos o uso do CNAE e CNEFE para a produção de banco de dados sobre atividades comerciais e de serviços.
- Apresentamos resultados inéditos sobre mapeamento de atividades de comércio e serviços com o uso de densidades de kernel.
- Analisamos ampla bibliografia sobre centro e centralidade urbana e discussão dos resultados obtidos.

Resumo: A localização das atividades comerciais e de serviços na cidade de Chapecó – SC constitui o tema central deste artigo. Para tanto, empregamos como procedimentos metodológicos a construção de um banco de dados a partir do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) e a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). O CNEFE e o CNAE possibilitaram produzir representações cartográficas que sustentaram nossas análises sobre o centro e a centralidade intraurbana em Chapecó – SC. Tendo em vista os resultados obtidos com os referidos procedimentos metodológicos, podemos observar a presença de uma grande concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços no centro principal. Entretanto, novas áreas também apresentaram concentrações, formando subcentros, ainda que com nível de densidade menor.

Palavras-chave: Centro; Multicentralidade; Comércio; Serviços; Chapecó.

COMMERCIAL AND SERVICE ACTIVITIES AND INTRAURBAN CENTRALITY IN CHAPECÓ – SC

Abstract: The location of commercial and service activities in the city of Chapecó – SC is the central theme of this article. Therefore, we used as methodological procedures the construction of a database from the Classificação Nacional de Endereços Estatísticos (CNEFE) and the Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). CNEFE and CNAE made it possible to produce cartographic representations that supported our analysis of the center and intra-urban centrality in Chapecó – SC. In view of the results obtained with these methodological procedures, we can observe the presence of a large concentration of commercial and service establishments in the main center. However, new areas also showed concentrations, forming subcenters, although with a lower density level.

Keywords: Center; Multicentrality; Business; Services; Chapecó.

¹ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente (UNESP – PP). E-mail: victorqcs123@hotmail.com

ATIVIDADES COMERCIAIS Y DE SERVICIOS Y CENTRALIDAD INTRAURBANA EN CHAPECÓ – SC

Resumen: La ubicación de las actividades comerciales y de servicios en la ciudad de Chapecó – SC es el tema central de este artículo. Por lo tanto, se utilizó como procedimientos metodológicos la construcción de una base de datos del Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) y la Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). CNEFE y CNAE permitieron producir representaciones cartográficas que sustentaron nuestro análisis del centro y centralidad en Chapecó – SC. A la vista de los resultados obtenidos con estos procedimientos metodológicos, podemos observar la presencia de una gran concentración de establecimientos comerciales y de servicios en el centro principal. Sin embargo, nuevas áreas también mostraron concentraciones, formando subcentros, aunque con un nivel de densidad menor.

Palabras clave: Centro; Multicentralidad; Negocio; Servicios; Chapecó.

INTRODUÇÃO

Neste artigo discutimos as possibilidades advindas da utilização do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE) e da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), ambas coordenadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Descrevemos a estrutura da CNEFE e os parâmetros de organização estabelecidos pela CNAE, concomitantemente estabelecemos as etapas de construção da base de dados, consequência da junção do CNEFE/CNAE. Argumentamos que estes procedimentos, aliados com as técnicas de mapeamento, resultam em grande contribuição para os estudos que se voltam ao tema das localizações das atividades econômicas, sobretudo o comércio e os serviços, assim como para as pesquisas sobre o centro e centralidade intraurbana².

Após discutir os aspectos metodológicos da pesquisa, apresentamos uma breve descrição do desenvolvimento histórico da cidade de Chapecó – SC. Sobressaltamos os momentos de maior destaque para o estudo da estruturação urbana, tendo em vista pesquisas que já se debruçaram sobre o tema. Em um primeiro momento, destacamos o desenvolvimento urbano e regional, sobretudo com o papel das agroindústrias (FACCO; FUJITA; BERTO, 2014). O crescimento territorial da cidade também foi descrito a partir da revisão

² Adotamos a perspectiva de Sposito (2013) sobre os conceitos de centro e centralidade. O primeiro se refere as localizações no interior no espaço urbano, e o segundo aos fluxos que afluem ou partem de áreas centrais.

bibliográfica empreendida, incluindo tendências recentes de formação de subcentros no interior do espaço urbano (MOTTER; BATELLA, 2015).

Seguindo esta contextualização histórica, apresentamos os resultados alcançados a partir da utilização do CNEFE/CANE em Chapecó – SC, dando destaque para a produção cartográfica. A partir do levantamento bibliográfico, discutimos os principais fatores que influenciam na formação do centro e da centralidade intraurbana, destacando as relações indissociáveis estabelecidas entre ambos (SPOSITO, 2013). O tempo de trabalho cristalizados na área central é apresentado como fator fundamental da formação dos centros e da centralidade urbana, que se justificam pelo aspecto da acessibilidade (VILLAÇA, 2001). Por fim, argumentamos que para a cidade de Chapecó – SC, levando em consideração os resultados alcançados e as discussões feitas, podemos observar a presença de uma grande concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços no centro principal. Entretanto, novas áreas também apresentaram concentrações, formando subcentros, ainda que com nível de densidade menor.

CNEFE E CNAE COMO POSSIBILIDADE DE ANÁLISE DAS ATIVIDADES COMERCIAIS E DE SERVIÇOS

A metodologia empregada nessa pesquisa utiliza os dados elaborados pelo Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Inicialmente o CNEFE não foi pensado para ser um banco de dados de atividades do setor de comércio, serviços ou indústria, porém, através da organização desses dados em tabelas no Microsoft Office Excel 2007, abriu-se a possibilidade de explorá-los para outras finalidades.

A primeira vantagem de utilizar o CNEFE, nos estudos em Geografia urbana, é a capacidade de comparar cidades de qualquer parte do país. Consideramos que o nível de abrangência nacional que esta base de dados alcança é um dos diferenciais frente a outras fontes de informação. Um segundo aspecto importante é o fato de que os estabelecimentos identificados pelo CNEFE contêm: Tipo de Logradouro; Título do Logradouro; Nome do Logradouro e Número do Lote. Essas informações possibilitam o georreferenciamento de endereços, permitindo os mais diversos tipos de

mapeamentos. Pesquisas como as de Miyazaki (2013), Porto-Sales *et. al.* (2014), Ruano (2015), Gomes (2016), Carli (2015) e Battistam (2015) são exemplos de trabalhos que mostram as diversas possibilidades de mapeamento a partir dos dados fornecidos pelo CNEFE.

Ao longo desta pesquisa percebemos que um dos elementos contidos no CNEFE geram certa ambiguidade. A coluna correspondente a “Identificação do Estabelecimento”, ao mesmo tempo em que possibilita a utilização do CNEFE como base de dados nas pesquisas em Geografia urbana, também dificulta e até mesmo inviabiliza a identificação de alguns estabelecimentos. Isso ocorre devido à falta de precisão e padronização na sua formulação, ou seja, no momento do seu preenchimento por parte do recenseador. Nessa coluna aparecem as atividades desenvolvidas no lote, o nome fantasia da empresa ou esses dois elementos em conjunto. Como exemplo, encontramos a repetição do termo “*consultório*”, devido à imprecisão desse termo a sua classificação torna-se bastante prejudicada.

O CNEFE realiza uma primeira organização dos dados em grandes áreas. Essas áreas estão identificadas em uma das colunas do Excel, recebendo o nome de “Variáveis”.

Também apresenta a variável espécie de endereço (tipos de usos do lote) composta de sete categorias: 1) Domicílio Particular; 2) Domicílio Coletivo (hotéis, alojamentos, asilos, etc.); 3) Estabelecimento Agropecuário; 4) Estabelecimento de Ensino; 5) Estabelecimento de Saúde; 6) Estabelecimento de Outras Finalidades; 7) Edificação em Construção (PORTO-SALES *et. al.* 2014, p. 87).

As variáveis que mais interessam a nossa pesquisa correspondem as de número quatro, cinco e seis, respectivamente: estabelecimentos de ensino, estabelecimentos de saúde e estabelecimentos de outras finalidades. Nessas variáveis estão os estabelecimentos comerciais, de serviços e industriais. Apesar dessa organização dada pelo CNEFE, consideramos que ela não é suficiente para a realização de análises mais detalhadas, sendo assim, no sentido de refinar a classificação adotamos como parâmetro a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

Desenvolvida pela Comissão Nacional de Classificação de Atividades (CONCLA) em parceria com a Secretaria da Receita Federal e o IBGE, a CNAE

teve como referência as diretrizes desenvolvidas pela *International Standard Industrial Classification of All Economic Activities* (ISIC), aprovada pela Comissão Estatística das Nações Unidas, em 1989. O objetivo último da formulação desses parâmetros é harmonizar a maneira pela qual as atividades econômicas são classificadas, seja no âmbito internacional ou nacional, como é o caso da CNAE. Tendo em vista essa proposta, adotamos como opção metodológica, incorporar a CNAE à base de dados do CNEFE. Abaixo apresentamos uma tabela com a descrição das atividades por seção segundo a CNAE.

Quadro 1 - Descrição das atividades por seção segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)

SEÇÃO	DESCRIÇÃO CNAE
A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura
B	Indústria extrativa
C	Indústria de transformação
D	Eletricidade e gás
E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação
F	Construção
G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas
H	Transporte, armazenagem e correio
I	Alojamento e alimentação
J	Informação e comunicação
K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados
L	Atividades imobiliárias
M	Atividades profissionais, científicas e técnicas
N	Atividades administrativas e serviços complementares
O	Administração pública, defesa e seguridade social
P	Educação
Q	Saúde humana e serviços sociais
R	Artes, cultura, esporte e recreação
S	Outras atividades de serviços
T	Serviços domésticos
U	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais

Fonte: IBGE; Organização: Víctor Hugo Quissi Cordeiro da Silva (2021).

A CNAE, como um instrumento de classificação, é formada por níveis hierárquicos, partindo do mais geral e chegando ao mais específico. A CNAE está organizada em: Seção; Divisão; Grupo; Classe; Subclasse. A tabela abaixo exemplifica essa organização.

Quadro 2 - Composição da Classificação Nacional de Atividades Econômicas

Posições	Quant.	Codificação
Seções	21	(letras maiúsculas de “A” a “U”)
Divisões	87	(letras maiúsculas de “A” a “U”)
Grupos	285	(até o terceiro dígito numérico)
Classes	673	(até o quarto dígito numérico + um dígito verificador)
Subclasses	1.318	(+ mais dois dígitos numéricos após o dígito verificador)

Fonte: Subcomissão Técnica para a CNAE – Subclasses, vinculada à CONCLA (2021).

Para a realização desta pesquisa optamos por classificar os endereços até o terceiro nível da CNAE: Seção, Divisão e Grupo. Neste processo de identificar a posição das atividades econômicas dentro da estrutura da CNAE nos deparamos com alguns problemas e, a partir deles, adotamos opções metodológicas para superá-los. Os principais problemas encontrados estão relacionados à falta de padronização e imprecisão no preenchimento da coluna do CNEFE “Identificação do Endereço”, elemento já mencionado anteriormente. Dado esse problema, encontramos dificuldade na identificação de algumas atividades econômicas.

O primeiro passo que adotamos para superar as dificuldades de classificação das atividades fornecidas pelo CNEFE foi buscar os endereços no *Google maps*, para que, dessa forma, pudéssemos encontrar o nome fantasia ou a atividade realizada na fachada no estabelecimento. Apesar disso, alguns endereços do CNEFE não estão com o endereço completo, logo, impossibilitando esse caminho metodológico. Nesses casos procuramos o nome fantasia da empresa na lista telefônica online, nos casos em que esse nome aparece. Quando todos esses recursos não foram suficientes para classificar o endereço, optamos pela não classificação dele.

Outro problema encontrado durante a classificação foi a presença de duas ou mais atividades, com classificações diferentes, em um mesmo endereço. Como exemplo, em Chapecó – SC nos deparamos com um escritório de advocacia e um consultório de psicologia no mesmo local. A atividade do primeiro é descrita na CNAE na seção M (Atividades profissionais, científicas e técnicas), já a do segundo na Q (Saúde humana e serviços sociais).

Sendo assim, decidimos criar no *Excel* uma cópia do endereço, para que pudéssemos classificar as duas atividades com os seus respectivos códigos da

CNAE. Quando isso foi feito destacamos as linhas correspondentes aos endereços que estão juntos na cor laranja. Consideramos necessária essa medida, pois muitas atividades seriam deixadas de fora do mapeamento, caso adotássemos a não classificação de endereços com mais de uma função. Para mais informações acerca dos procedimentos adotados conferir Silva (2021).

Os aspectos metodológicos desta pesquisa são fundamentais, pois a partir desses procedimentos construímos uma base de dados inovadora e com alto grau de detalhamento em relação as atividades comerciais e de serviços em Chapecó – SC. Neste artigo apresentamos partes dos resultados alcançados, sobretudo as representações cartográficas. Incorporamos ao texto uma discussão teórica a partir da busca das principais referências bibliográficas sobre as palavras-chave da pesquisa.

EXPRESSÕES DA CENTRALIDADE INTRAURBANA EM CHAPECÓ/SC

A cidade de Chapecó – SC possui aproximadamente 183.530 habitantes e posição hierárquica de Capital regional B, com 98 municípios por ela polarizados (IBGE, 2008). No quadro (Tabela 3) abaixo vemos o crescimento da população do município, a série histórica apresentada tem início nos anos de 1940 e revela que na primeira década houve um crescimento da população, mas que é sucedido por uma contínua queda nas décadas seguintes, até os anos de 1970. A partir do censo de 1980 temos o registro de que o crescimento populacional volta a crescer e se mantém com esta tendência até a estimativa para 2020 do IBGE.

Tabela 1 – Evolução populacional em Chapecó³

ANO	POPULAÇÃO
1940	44.660
1950	96.624
1960	52.089
1970	50.117
1980	83.864
1991	123.050
2000	135.884
2010	183.530
2020*	220.367

Fonte: IBGE; Organização: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva (2021).

A formação e o crescimento de Chapecó estão associados aos sucessivos ciclos econômicos que marcaram o oeste do estado de Santa Catarina. Atividades como a pecuária, cultivo de erva-mate, extração de madeira e as agroindústrias foram e são fatores importantes para o desenvolvimento urbano e regional (FACCO; FUJITA; BERTO, 2014). Um marco importante e destacado pelos autores foi a fundação da cidade em 25 de agosto de 1917. Posteriormente, no ano de 1931, temos o primeiro traçado do plano urbano da cidade, tendo como uma de suas principais características o desenho ortogonal das ruas, conhecido também como tabuleiro de xadrez. Esse projeto teve inclusive a perspectiva de longo prazo, pensando a futura expansão da cidade.

Do ponto de vista regional, transformações importantes aconteciam no período de 1940-1950. De acordo com Villela, Fujita e Alba (2017), a região do meio oeste de Santa Catarina historicamente foi ocupada por pequenas propriedades familiares que se dedicavam principalmente à produção de suínos. A partir da década de 1940 os primeiros frigoríficos foram instalados em cidades da região, sobretudo naquelas que se localizavam próximas da ferrovia. Além da estrutura agrária, as condições do relevo e a herança da imigração

³ “Entre 1940 e 1950 a divisão administrativa do Estado de Santa Catarina foi acrescida de 8 Municípios, havendo ainda ocorrido, no período considerado, a criação e extinção do Território do Iguaçu, que abrangia o Município de Chapecó” (IBGE, 1955, p. 9). A partir deste trecho podemos compreender as alterações populacionais de Chapecó, sobretudo entre 1950-1970, pois alguns municípios foram criados a partir do desmembramento do município de Chapecó. As informações contidas no Quadro 3 e ao longo do texto devem ser lidas a partir dessas considerações, pois não encontramos dados populacionais que não contivessem as alterações territoriais do Estado de Santa Catarina.

européia são elementos levantados pelos autores para a explicação da formação das agroindústrias na região.

Facco, Fujita, Berto (2014) destacam que, a partir da década de 1950, começam a se instalar na cidade de Chapecó as agroindústrias, consideradas na época a esperança para o retorno do crescimento econômico. Em 1952 é inaugurada a primeira indústria desse ramo, chamada Chapecó Alimentos, que se tornou nos anos subsequentes uma das maiores da região.

De acordo com Facco, Fujita e Berto (2014) nos 1950 a cidade já apresentava um importante papel regional, devido principalmente as atividades agroindustriais, mas também pelos comércios e serviços oferecidos e que atraíam a população das cidades próximas. Na década de 1960 destaca-se a instalação da Secretaria de Negócios do Oeste, com o objetivo de mediar as relações do governo estadual de Santa Catarina com a região, demonstrando mais uma vez a importância regional de Chapecó desde essa época.

Nos anos de 1970, Chapecó apresentou grande crescimento econômico, induzido pelo aumento das agroindústrias na cidade. É nesta década que Chapecó fica decididamente marcada como a capital da agroindústria. Um dos marcos é a instalação da Sadia S/A Avícola no ano de 1973. No ano seguinte a essa inauguração podemos elencar dois elementos decisivos para a evolução urbana da cidade. Em 1974, é aprovado o primeiro Plano Urbano do município, que revelou a necessidade da criação do zoneamento urbano, sobretudo para delimitar áreas de crescimento industrial. Nesta década também se destaca os investimentos advindos do projeto Comunidade Urbana para Renovação Acelerada (CURA), que segundo (FACCO; FUJITA; BERTO, 2014), distribuiu desigualmente os investimentos públicos na cidade, valorizando áreas de alta concentração de renda.

Em termos de integração regional o plano urbano de Chapecó demonstrava preocupação em relação a necessidade de integrar a produção da cidade com centros de distribuição. Segundo (FACCO; FUJITA; BERTO, 2014, p. 197):

Em meados da década de 1970, importantes obras de infraestrutura foram concretizadas. No ano de 1974, a BR-282 foi inaugurada, sendo a mais extensa rodovia do Oeste

Catarinense, fazendo a ligação dessa região com o litoral e com outras importantes como a BR-116.

O setor agroindustrial, já consolidado nos anos de 1970, passou por mudanças no seu processo produtivo a partir da década de 1980, com implicações no espaço urbano. Seguindo a tendência de reestruturação econômica, marcada pela terceirização do processo produtivo, novas empresas se instalaram na cidade com o intuito de atender a essas demandas. Outro processo a ser destacado é a centralização do capital apresentada pelo setor, gerando impactos urbanos e regionais.

Segundo Anschau (2011), ao mesmo tempo em que houve aumento de produção, também se constatou forte concentração de produtores nas últimas décadas (ACCS, 2011; Testa et al., 1996). O alijamento de muitos deles se deu em virtude da reestruturação e da modernização da agroindústria sob o modelo da integração (Alba, 2013), provocando o êxodo rural e o grande aumento da população urbana nas cidades de maior influência na região (VILLELA; FUJITA; ALBA, 2017, p. 116).

No que se refere ao crescimento populacional, este se manteve em contínua tendência de crescimento, levando a implantação de loteamentos populares ao redor das agroindústrias nos anos de 1980, dessa maneira, formando cadeias produtivas (FACCO; FUJITA; BERTO, 2014). Estas, por sua vez, interligando diferentes momentos do processo produtivo da agroindústria e os diferentes usos do solo urbano. Nos anos 1990, foi provado um novo Plano Diretor para o município, tratando de aspectos relevantes para o desenvolvimento e crescimento da cidade. Nessa década vemos um aumento no número de empresas, seja no setor industrial, comercial ou de serviços.

Segundo Alba (2002), em 1995, no município de Chapecó havia 456 empresas industriais, 5.562 estabelecimentos comerciais e 7.519 empresas prestadoras de serviços. Já no ano de 1998 estavam registradas no município 560 indústrias, 6.450 estabelecimentos comerciais e 8.856 empresas prestadoras de serviços, o que comprova que, apesar dos problemas econômico e da crise nacional, em Chapecó, houve crescimento (FACCO; FUJITA; BERTO, 2014, p. 205).

Já na década seguinte, incluímos a aprovação de um novo Plano Diretor para o município, aprovado no ano de 2004 e revisado em 2007. Originalmente o plano visava conciliar a preservação do meio ambiente com os interesses imobiliários e industriais, porém, segundo os autores, com a revisão

empreendida em 2006/2007, muitas das restrições criadas no projeto inicial foram desfeitas em benefício dos principais agentes econômicos que atuam na cidade.

Facco, Fujita e Berto (2014) destacam como uma das transformações recentes que mais impactaram a cidade a construção da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), criada em 2009. No ano de 2010, cerca de 41 projetos de loteamentos foram enviados à prefeitura, muitos deles associados à construção dessa universidade, que motivou o fluxo migratório de pessoas, seja para trabalhar ou estudar nessa instituição.

Motter e Batella (2015), analisando o processo de desconcentração e reconcentração das atividades comerciais de serviços na cidade de Chapecó, identificaram a formação de um subcentro na Av. São Pedro, localizado na área Oeste da cidade, em direção ao bairro Efapi. Por meio de trabalhos de campo e identificação das atividades localizadas ao longo da avenida, os autores concluem que há uma diversificação de atividades terciárias, mas com um claro predomínio do comércio. Entre as atividades que mais se destacam, em termos quantitativos, estão lojas de autopeças, revendedora de veículos e postos de combustível.

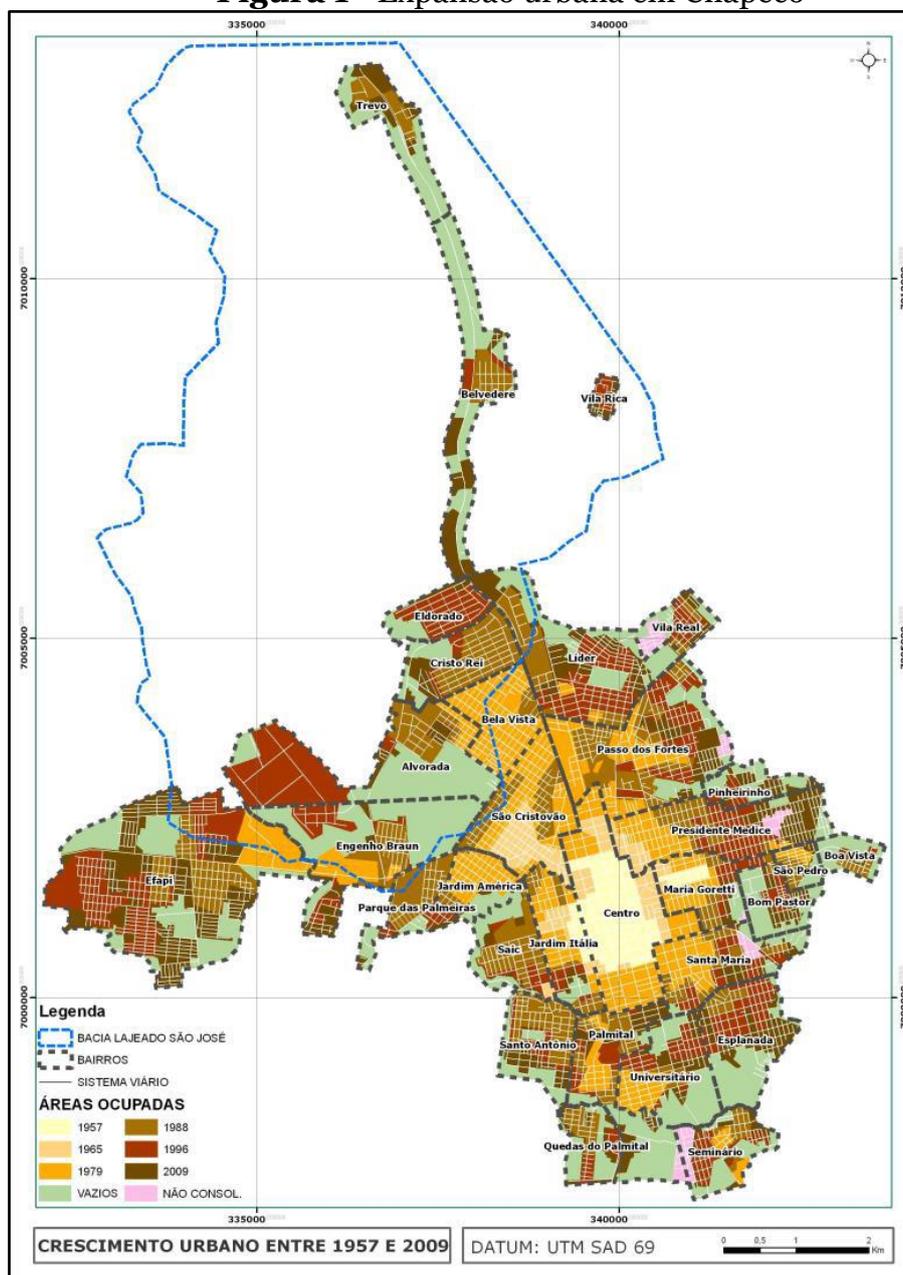
Buscando entender as mudanças econômicas na região oeste de Santa Catarina, Villela, Fujita e Alba (2017) perceberam como tendência recente em Chapecó a entrada de novos agentes econômicos advindos de fora da cidade.

Recentemente, há indícios da entrada de capitais nacionais e internacionais, como é o caso, por exemplo, da instalação de uma unidade da rede Walmart (2009) e de um hotel Ibis, além do *shopping center* supracitado, da marca Pátio, mesclando redes de lojas de caráter regional e também as de abrangência nacional e internacional, que atraem público das diversas cidades da região, reforçando o papel de centro de consumo regional (VILLELA; FUJITA; ALBA, 2017, p. 120).

Na Figura 1, extraída de Facco, Fujita e Berto (2014) vemos a representação do crescimento territorial da cidade de Chapecó. O processo de ocupação de novas áreas na cidade é analisado a partir de 1957, no qual podemos ver que a cidade ainda estava basicamente delimitada pelo seu centro. Em 1965 o registro é de um pequeno crescimento territorial, apenas pequenas parcelas próximas ao centro são incorporadas a malha urbana. Entretanto, na

década seguinte a expansão urbana registrada é bastante expressiva, seguindo tanto o sentido norte quanto sul da cidade. Para o ano de 1988 o crescimento tem como elemento uma maior descontinuidade em relação a malha urbana já consolidada, áreas nas diferentes extremidades são ocupadas por novos bairros, consideramos que esta tendência continuada na década seguinte. O último registro, marcando o período 1996 – 2009, apresenta uma menor incorporação de novas áreas, quando comparamos as últimas décadas analisadas, sendo que, em sua maioria, localizados nas periferias geométricas desta cidade.

Figura 1 - Expansão urbana em Chapecó



Fonte: Facco; Fujita; Berto (2014). Elaboração: Júlie M. Engler (2010).

Após esta breve contextualização histórica e geográfica da cidade podemos adentrar nas análises dos resultados obtidos através dos procedimentos metodológicos empreendidos em nossa pesquisa. Em primeiro lugar exibimos na Tabela 1 informações de fundamental importância, pois apresentamos: quantos endereços foram identificados no CNEFE para as variáveis 4, 5 e 6; a quantidade de endereços classificados e não classificados; e, por fim, a porcentagem de classificação. Conseguimos um percentual de 88% dos endereços classificados, total que consideramos bastante satisfatório.

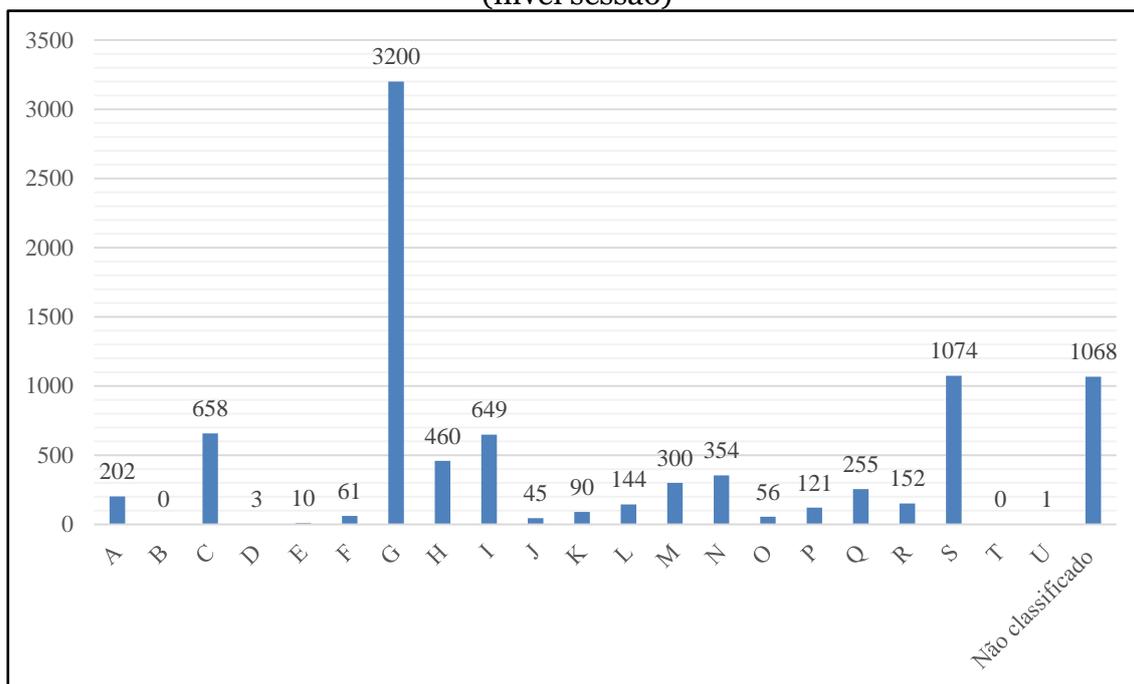
Tabela 2 - Total de endereços CNEFE: *classificados, não classificados e o percentual de classificação obtido.*

Cidade	Total de endereços CNEFE	Total de endereços CNEFE classificados	Total de endereços CNEFE não classificados	% de classificação
Chapecó	8.900	7.835	1.068	88%

Fonte: IBGE (2010); Org.: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva.

Apresentamos no gráfico 1 a disposição quantitativa dos estabelecimentos CNEFE classificados segundo a CNAE para o nível sessão. As sessões que mais se destacam são: **G** (Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas), **S** (Outras atividades de serviços), **I** (Alojamento de alimentação) e **C** (Indústria de transformação) respectivamente em ordem decrescente de importância.

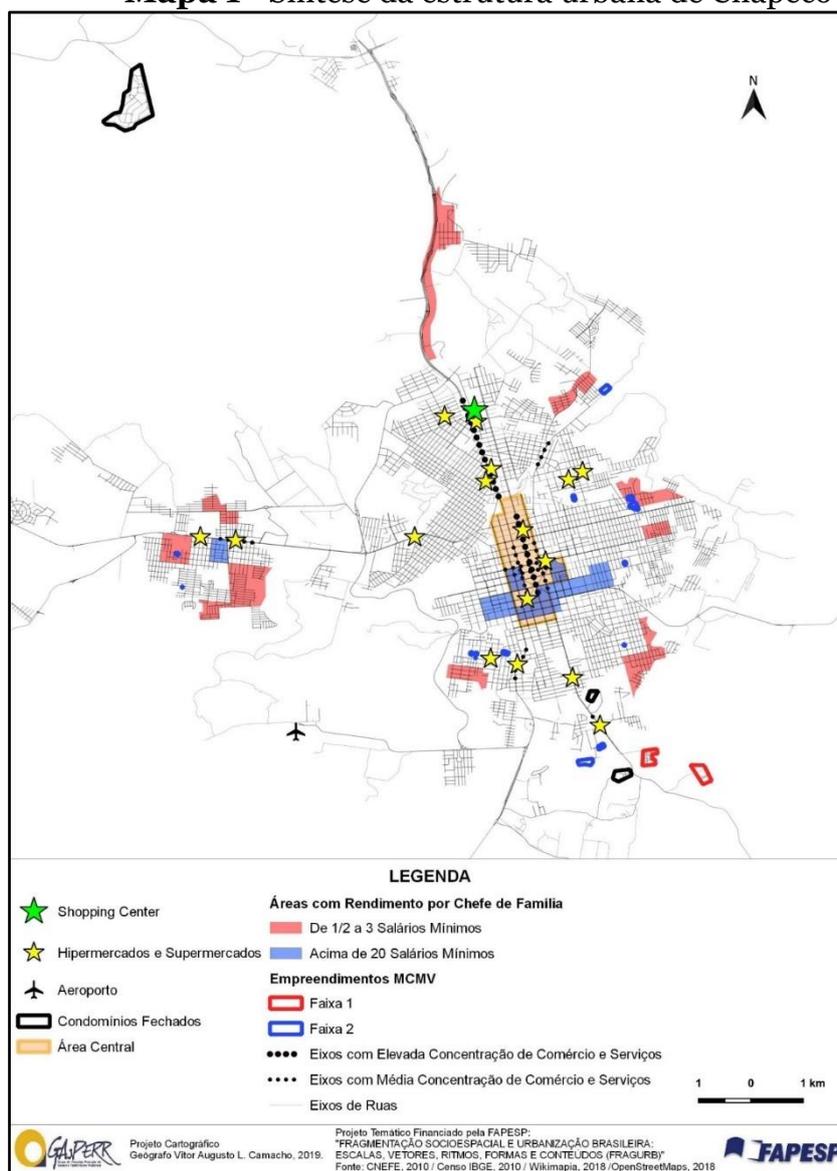
Gráfico 1 - Chapecó – Distribuição dos endereços CNEFE segundo a CNAE (nível sessão)



Fonte: CNEFE/CNAE (2010); Elaboração: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva.

Discorreremos sobre os resultados obtidos e representados nos mapas a seguir. No mapa síntese (Mapa 1) expressamos atributos da estrutura urbana de Chapecó. O primeiro ponto que nos chama atenção é a relação centro-periferia, pois neste caso existe a correspondência entre a periferia geométrica e a periferia geográfica, exemplificamos essa afirmação destacando que a presença de cidadãos com faixa salarial de $\frac{1}{2}$ a 3 salários-mínimos está intimamente ligada com uma posição periférica do ponto de vista na sua localização no espaço urbano (periferia geométrica). Por outro lado, aqueles que possuem uma renda acima de 20 salários-mínimos estão quase que em totalidade residindo na área central ou pericentral.

Mapa 1 - Síntese da estrutura urbana de Chapecó

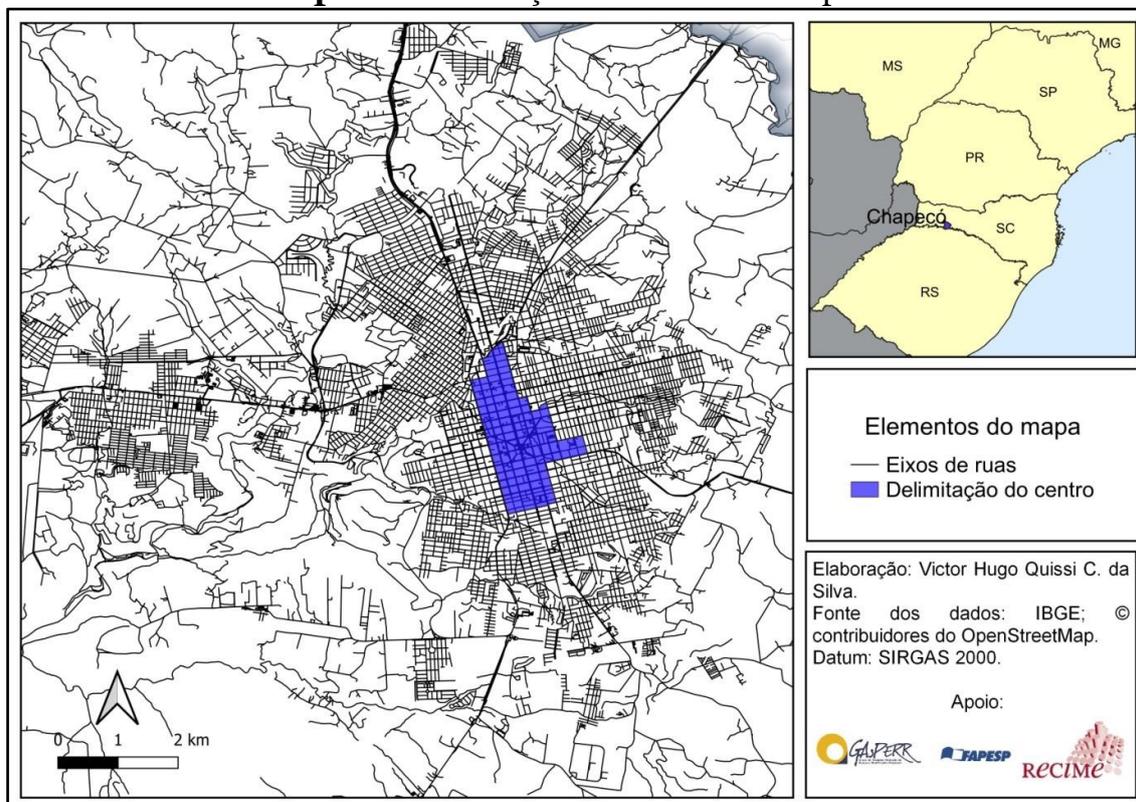


Fonte: GASPERR. Projeto cartográfico: Vitor Augusto L. Camacho (2019).

Essas constatações podem indicar que, para Chapecó, as formas de explicar o espaço urbano, pautadas na lógica centro-periférica, ainda podem ter um potencial de explicação. Quando levamos em consideração o Mapa 2 com a representação dos limites da área comercial e de serviços, segundo o poder público municipal, vemos que é possível afirmar que para Chapecó o centro da cidade permanece como local prioritário de residência dos cidadãos de mais alta renda. Ainda sobre essa área, observamos que a maior parte dos eixos de elevada e média concentração de comércios e serviços estão localizados também

no centro da cidade, tendo inclusive a presença de três estabelecimentos caracterizados como supermercados e hipermercados.

Mapa 2 - Localização do centro de Chapecó



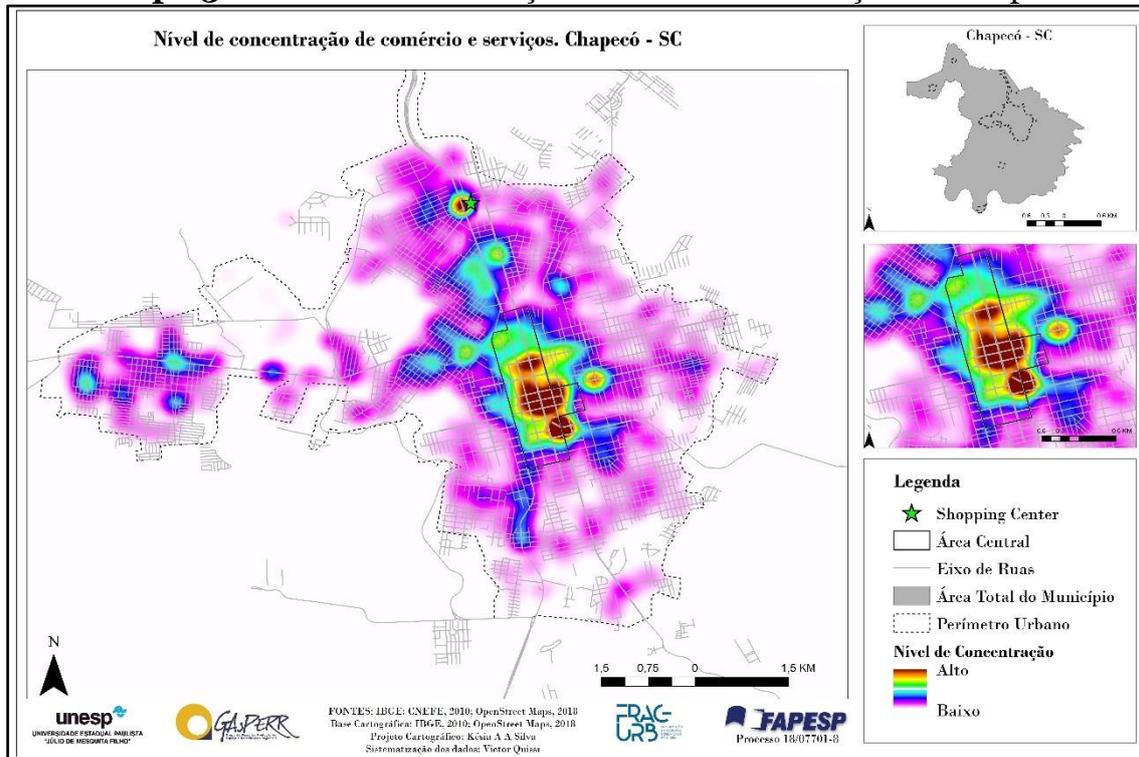
Fonte: IBGE; Prefeitura Municipal de Chapecó. Elaboração: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva (2021).

Os hipermercados e supermercados, de um modo geral, apresentam uma disposição mais dispersa ao longo da malha urbana, observamos a presença deles até mesmo nas áreas mais afastadas do centro principal. Porém, também notamos que há a preferência pela localização em ruas ou avenidas que possibilitam uma maior circulação ou que garantem maior acessibilidade a esses estabelecimentos. A presença nessas vias de maior circulação também pode denotar uma ligação desses estabelecimentos com um mercado consumidor mais amplo, ou seja, além dos limites internos à cidade, conectando-os a rede de cidades a qual Chapecó faz parte.

A seguir, inserimos a representação das densidades de comércios e serviços em Chapecó (Mapa 3). Nos parágrafos anteriores escrevemos que a lógica centro-periferia ainda pode ser válida para explicar a dinâmica da estrutura urbana da cidade, demos destaque a partir do Mapa 1 as localizações dos cidadãos de menor e de maior renda, respectivamente moradores da

periferia e do centro de Chapecó. Quando analisamos o mapa 3 percebemos que o maior nível de concentração de comércios e serviços está no centro da cidade, com poucas áreas com concentrações que possam equiparar-se aquela apresentada no centro principal.

Mapa 3 – Nível de concentração de comércio e serviços em Chapecó



Fonte: IBGE/CNEFE, 2010. Projeto cartográfico: Késia A. A. Silva e Vanessa Lacerda.
Organização dos dados: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva (2021).

No mapa 1 o eixo de elevada concentração de comércio e serviços parte da área pericentral em direção ao norte da cidade, até onde localiza-se o único *shopping center* de Chapecó. Neste eixo também encontramos supermercados e hipermercados, indicando que a reconcentração das referidas atividades se deu em forma de um eixo que se desloca até uma área de concentração de comércio e serviços. Quando comparamos com os resultados do mapa 3 percebemos esse padrão, rumo ao norte novos estabelecimentos vão se localizando, principalmente no *shopping center*, uma das únicas áreas que consegue alcançar o mesmo nível de concentração do centro principal.

Percebemos, até o momento, quão importante essas grandes plataformas comerciais e de serviços são para configuração da centralidade intraurbana, principalmente pela capacidade de aglutinar em seu interior um número

elevado de estabelecimentos. Outros elementos devem ser levados em consideração, entretanto, devido aos limites deste trabalho e das metodologias que empregamos não vamos nos aprofundar nesta discussão. Porém, como salienta Santos (2019), novas estratégias vêm sendo utilizadas por grandes redes de lojas do varejo, tendo por finalidade a fidelização do cliente à empresa, sendo o crédito ao consumidor uma das que se destacam contemporaneamente.

A partir dos resultados que obtivemos e que estão representados no Mapa 3 é possível afirmar que há, de fato, novas áreas concentradoras de atividades comerciais e de serviços, o que podemos denominar de multicentralidade (SPOSITO, 2010). Um exemplo a ser destacado é a formação de concentração de média intensidade na área mais a oeste da cidade, no bairro Efapi, distante do centro principal. Esta concentração, apesar de não apresentar grande nível de intensidade, denota o aparecimento de subcentros em bairros mais afastados e, por conseguinte, de nova área central, mesmo que de menor importância quando comparadas ao centro principal. Concluímos que apesar de podemos afirmar que existe a conformação de uma multiplicação de centros em Chapecó, não parece que se desdobrou ainda na formação de uma policentralidade. Fazemos essa afirmação porque há evidências representadas no Mapa 3 de que o centro principal continua sendo o de maior importância e, ainda que existam novas áreas centrais, estas não conseguem se equiparar a ele em termos de nível de concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços.

Em relação ao processo de desconcentração e formação de núcleos secundários podemos associá-los, sobretudo, as estratégias de superação das chamadas deseconomias de aglomeração, motivadas pela excessiva concentração nas áreas centrais (CORRÊA, 2002). Fatores como o congestionamento e a elevação nos preços dos imóveis e do aluguel que incidem sobre o centro da cidade compõem parte dos motivos pelos quais empresários escolhem uma nova localização, fora do centro principal. Complementando a discussão, Souza (2003) acrescenta aos fatores da desconcentração: o crescimento da cidade e a combinação de densidade demográfica, distância em relação ao centro e a renda da população, como processos importantes para a constituição de subcentros de comércios e serviços.

A descentralização torna-se meio de se manter uma taxa de lucro que a exclusiva localização central não mais é capaz de fornecer. Neste sentido constata-se que no capitalismo monopolista há centralização do capital e descentralização espacial, diferente, portanto, do que ocorria no capitalismo concorrencial, onde a centralização espacial derivava de uma dispersão de capitais (CORRÊA, 2002, p. 47).

Associado ao processo de desconcentração das atividades comerciais e de serviços temos formas e funções que expressam essa realocização, sempre associada com novas concentrações (SPOSITO, 2001). Deste modo, os subcentros podem ser considerados como aglomerações diversificadas de comércio e serviços localizada fora do centro principal. Porém, a lógica de localização atende aos mesmos critérios do primeiro, qual seja, a busca por maior acessibilidade. Entretanto, essa acessibilidade diz respeito a apenas uma parte da cidade e não à cidade como um todo, como ocorre no centro principal (VILLAÇA, 2001).

O aparecimento de novas áreas centrais nas cidades médias pode ser considerado como uma das mais importantes transformações por que passaram essas cidades, a partir da segunda metade do século XX (SPOSITO, 2001). Gostaríamos de acentuar duas dinâmicas econômica e territorial que nos ajudam a compreender esse processo de reestruturação do espaço urbano, sendo elas a desconcentração e reconcentração territorial das atividades comerciais e de serviços.

O aumento de número de áreas centrais produz duas dinâmicas econômico-territoriais correlatas entre si: a da descentralização territorial dos estabelecimentos comerciais e de serviços e a de recentralização dessas atividades. Essas dinâmicas ocorrem através de iniciativas de duas ordens, que se dão simultaneamente: a de surgimento de novas atividades e estabelecimentos comerciais e de serviços fora do centro principal e a realocização, em novos centros, de atividades e estabelecimentos que antes estavam restritos ao centro principal (SPOSITO, 2001, p. 236).

A partir da citação acima, percebemos que a desconcentração das atividades comerciais e de serviços não ocorre de maneira aleatória no tecido urbano, pois, paralelamente, há a formação de novas concentrações fora do centro principal. Portanto, vemos a formação de uma centralidade múltipla e complexa (SPOSITO, 2001).

No caso das áreas especializadas, representadas no quadro acima, a centralidade exercida por elas difere de um subcentro de bairro, pois poderá atrair toda a população da cidade ou aglomeração urbana, porque, devido a sua especialização na oferta de um determinado bem ou serviço, há nela uma possibilidade de atração maior do que se estivéssemos diante de uma difusão desses mesmos bens e serviços pela cidade. Nos casos em que não há uma especialização, diminui a capacidade atrativa desses pontos, que contém maior variedade, mas, por outro lado, possuem um raio de abrangência menor (VILLAÇA, 2001).

Aprofundando a discussão acerca das causas que levam a desconcentração e formação de núcleos secundários gostaríamos de começar indicando alguns determinantes econômico-territoriais. Como parte dos determinantes incluímos os interesses do mercado imobiliário na valorização de novas áreas da cidade, seja através da transformação de terra rural em urbana nas periferias da cidade, ou pela transformação de determinados pontos, dando-lhes novos usos mais modernos. Em relação a este último, a chegada de grandes capitais comerciais e de serviços associados a novas lógicas locacionais marcam esse processo, e os *shopping centers* representam sua forma mais conhecida.

Caracterizando o crescimento recente de cidades brasileiras, em espaços metropolitanos e não metropolitanos, há a construção de empreendimentos nas periferias da cidade contribuindo para a expansão territorial do tecido urbano. Essa expansão se dá principalmente por meio de sobressaltos, ou seja, deixando terrenos não edificadas para trás com o objetivo de uma possível valorização futura. Nesta dinâmica temos as faces da segregação-autossegregação, que vem mudando os conteúdos das periferias geométricas das cidades. Historicamente relacionadas a um conteúdo social e economicamente periférico, essas periferias vão ganhando maiores complexidades, ao passo em que as dinâmicas que operam nessas áreas são alteradas (WHITACKER, 2017).

Esse crescimento marcado pela descontinuidade, realizado através de sobressaltos, tem contribuído para a formação de uma cidade cada vez mais estendida do ponto de vista territorial e descontínua em relação as formas urbanas. Essas dinâmicas trazem o conteúdo urbano para fora da cidade (SPOSITO, 2010), levando consigo comércios e serviços que ao se realocar em

alguns casos, ou ao produzirem novas localizações em outros, multiplicam a centralidade urbana.

É importante considerar que ao lado dessas novas formas de produção do espaço urbano, mesclam-se iniciativas que reforçam tendências passadas, mesmo que contraditoriamente, realizando uma junção de lógicas que formam um mosaico complexo entre processos e formas de produção do espaço urbano (SPOSITO; GÓES, 2013). Como tendência recente, podemos encontrar diferentes expressões que procuram representar esse processo. Neste texto adotamos o posicionamento de Sposito e Góes (2013) que consideram como adequado a expressão urbanização difusa. Sobre o espraiamento do tecido urbano, as autoras afirmam.

O espraiamento do tecido urbano, como expressão inexorável da redefinição das formas de produção do espaço urbano, é apenas uma dimensão de um processo mais amplo. Ele representa uma alteração profunda nas tendências de localização do uso residencial do espaço urbano e das atividades comerciais e de serviços, o que implica mudanças das estruturas urbanas e da lógica “centro-periferia”, que as orientaram durante tanto tempo (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 42).

Diante desse cenário de possível fragmentação, como é realizada a costura desses fragmentos que passam a compor o espaço urbano? Neste caso a circulação e os transportes ganham uma importância ainda maior na vida cotidiana dos cidadãos. O uso do automóvel individual viabiliza, em muitos casos, a periferação do uso residencial do espaço urbano. Ao mesmo tempo em que os deslocamentos casa-trabalho ganham uma nova dimensão, outras motivações ganham maior importância, tais como: lazer e consumo. Buscando sintetizar os pontos apresentados anteriormente, Sposito (2001) descreve os principais fatores da generalização de uma centralidade múltipla e complexa.

Essa generalização da ocorrência de uma centralidade múltipla e complexa em áreas urbanas não metropolitanas ocorreu em função de: - entrada nessas cidades de capitais comerciais de grande porte, com novas lógicas locais; - aumento dos interesses dos capitais imobiliários na construção de novos equipamentos comerciais e de serviços, de forma associada ou não a esses capitais comerciais; - acelerada expansão territorial urbana, gerando tecidos descontínuos e fragmentados; - ampliação da diferenciação sócio-espacial, refletindo-se, muitas vezes em exclusão sócio-espacial; - melhoria das formas de transporte, com destaque para o aumento do uso do transporte individual (SPOSITO, 2001, p. 237).

Dando continuidade à discussão que fizemos até aqui, encontramos em Sposito (2001) uma importante contribuição para compreender as diferentes expressões da centralidade. De acordo com a autora, a centralidade se expressa como múltipla, complexa, cambiante e polinucleada.

Quadro 3 - Diferentes expressões da centralidade urbana

Diferentes expressões da centralidade urbana	
Centralidade múltipla	Aumento e diversificação de áreas centrais
Centralidade complexa	Do ponto de vista das escalas que se articulam e dos fluxos que se entrecruzam, percebemos um alcance espacial que extrapola o espaço intraurbano, conectando as áreas centrais à escala interurbana (rede de cidades)
Centralidade cambiante	Variações em suas características no decorrer do tempo
Centralidade polinucleada	Formação de uma centralidade que não é diferente apenas do ponto de vista funcional, mas também socioespacial

Fonte: Sposito (2001); Organização: Victor Hugo Quissi Cordeiro da Silva.

O quadro acima nos ajuda a perceber que essas diferentes expressões da centralidade, pensando na operacionalidade dos conceitos, descrevem de maneira mais clara as transformações que muitas cidades médias brasileiras vêm passando nas últimas décadas. No escopo deste artigo não poderemos discutir todas as expressões da centralidade urbana apresentadas em Sposito (2001), mas destacaremos as duas que mais interessam aos objetivos desse texto, ou seja, a dimensão da multi e da poli centralidade.

Pelo que apresentamos até aqui, a **centralidade polinucleada** está associada a estruturas urbanas mais complexas, trazendo elementos que não são apenas quantitativos, mas, também, variáveis qualitativas para a análise. Entram em discussão processos mais recentes de diferenciação socioespacial. Em relação às diferenças entre **multicentralidade** e **policentralidade**, Sposito (2010, p. 205) afirma que:

Em outros termos se constatamos a existência de mais de um centro, temos uma multicentralidade. Se constatamos diferentes níveis de especialização e importância entre esses centros, estamos em face de uma centralidade polinucleada (SPOSITO, 2010, p. 205)

A partir dos resultados obtidos consideramos a existência de uma multicentralidade em Chapecó, sobretudo quando consideramos as novas concentrações comerciais e de serviços presentes em áreas fora do centro principal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redefinição da centralidade intraurbana é um importante processo socioespacial por que passam muitas das cidades médias brasileiras, como no caso apresentado de Chapecó. Nesta cidade percebemos a combinação entre o velho e novo na estrutura urbana. Se por um lado o centro principal permanece como área com maior nível de concentração de atividades comerciais e de serviços, outras áreas da cidade aparecem com novas concentrações, mesmo que estas não se equiparem em termos de densidade de estabelecimentos ao primeiro.

Pudemos aferir que a territorialidade das atividades econômicas em estudo pode ser apreendida a partir do par analítico desconcentração – reconcentração. A associação entre esses pares nos mostra que no que pese a difusão das atividades comerciais e de serviços no decorrer do tecido urbano, esta ocorre de maneira que novas concentrações são formadas. Estas concentrações foram estudadas neste artigo por meio da construção de um banco de dados e do mapeamento dos estabelecimentos, formando manchas de concentração que possibilitaram nossas análises.

REFERÊNCIAS

BATTISTAM, C. K. **Procedimentos de pesquisa em Geografia do Comércio e do Consumo delimitação, intensidade e especialização de áreas centrais. Análises a partir de Marília/SP, São Carlos/SP, e São José do Rio Preto/SP.** 2015. 108f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

CARLI, L. A. D. **Delimitação, intensidade e especialização de áreas comerciais. Uma proposição para o estudo das áreas centrais em cidades médias a partir da análise dos Índices de Densidade Informacional para os casos de Presidente Prudente – SP e Ribeirão Preto – SP.** 2015. 141f. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2015.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 2002.

FACCO, J.; FUJITA, C.; BERTO, J. L. Agroindustrialização e urbanização de Chapecó – SC (1950-2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. **Rev. Desenvolvimento Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, p. 187-215, jan./abr. 2014.

GOMES, M. C. S. **Procedimentos de pesquisa em geografia do comércio**: uma proposição para o estudo das áreas centrais em cidades médias a partir da análise dos índices de densidade informacional da cidade de São Carlos (SP). 2016. 219 f. Trabalho de conclusão (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.

IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro, 2008.

IBGE. **VI Recenseamento Geral do Brasil – 1950**. Série Regional, vol. XXVII, Tomo I, Estado de Santa Catarina. 1955.

MIYAZAKI, V. K. **Estruturação da cidade e morfologia urbana**: um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista. 2013. 305f. Tese (doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013.

MOTTER, C.; BATELLA, W. B. Descentralização e novas centralidades em cidades médias: o caso do subcentro da Avenida São Pedro em Chapecó (SC). **Rev. Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 611-627, maio de 2015.

PORTO-SALES, A. L., *et al.* Pesquisa em Geografia urbana: desafios e possibilidades de análise espacial com o uso do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE). **Rev. Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 36, v. 2, p. 81-103, ago./dez. 2014.

RUANO, T. L. **Procedimentos de Pesquisa em Geografia do Comércio e do Consumo e novas possibilidades de mapeamento. Análises a partir de Londrina (PR), Presidente Prudente (SP) e Ribeirão Preto (SP)**. 2015. 96f. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2015.

SANTOS, F. R. dos. **Da localização estratégica às estratégias locais**: A dimensão espacial do crédito e da fidelização nos magazines e nas escolhas dos cidadãos em Presidente Prudente (SP) e Londrina (PR). 2019. 309 f. Tese (doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SILVA, V. H. Q. C. da. **Padrões de localização de atividades econômicas nas cidades médias brasileiras**: Ribeirão Preto/SP, Presidente Prudente/SP, Ituiutaba/MG e Chapecó/SC. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/215465>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intraurbana. *In*: Maria Encarnação Beltrão Sposito (Org.). **Textos e contextos**

para a leitura geográfica de uma cidade média. Presidente Prudente: Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001, v. 1, p. 235-254.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. *In*: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). **A cidade contemporânea. Segregação espacial.** – São Paulo: Contexto, 2013.

SPOSITO, M. E. B. Multi(poli)centralidade urbana. *In*: SPOSITO, E. S.; NETO, J. S. L. (Org.). **Uma geografia em movimento.** – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

WHITACKER, A. M. Centro da cidade: consolidação e expansão. *In*: MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. **Centro e centralidade em cidades médias.** - 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil** – São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institut, 2001.

VILLELA, A. L.; FUJITA, C.; ALBA, R. S. Centralidade no Oeste Catarinense: o papel de Chapecó. *In*: OLIVEIRA, H. C. M.; CALIXTO, M. J. M. S.; SOARES, B. **R. Cidades médias e região.** – 1. Ed. – São Paulo: Cultra Acadêmica, 2017. p. 101-139.

Recebido em 08 de Agosto de 2022

Aceito em 29 de Abril de 2022